

O Observatório

Emanuel Dimas de Melo Pimenta

2021

Ser livre não é meramente nos libertar das correntes, mas viver de forma a respeitar e ampliar a liberdade dos outros.

Nelson Mandela

Em 2019, minha querida amiga Marianela Mirpuri convidou-me para criar e dirigir um *Observatório para o Futuro da Humanidade* no contexto de um outro projecto seu: HERA, originalmente uma cidade das mulheres.

Mas, HERA não era - como pode fazer lembrar o filme *Città delle Donne* de Federico Fellini, de 1980 - uma cidade restrita às mulheres. Desde o início foi um projecto para a descoberta e valorização de uma qualidade feminina que pertence a todos, homens ou mulheres. O cuidado, a delicadeza, a atenção, a cura em relação às crianças, aos mais velhos, à vida, ao amor - qualidades que, sem perceber, a Humanidade atribuiu à cidade, à vida urbana, tantas vezes ao longo dos séculos classificada como "efeminada" por quem vive longe dela.

No século XXI, o mundo se tornou numa grande cidade, mas essas qualidades *urbanas* - por isso, diz-se que alguém é urbano em oposição ao grosseiro - não estão presentes em todo o tecido das megacidades que cobrem o planeta, nem das redes virtuais de telecomunicação que transportam a cidade a todos os lugares.

Por isso, o projecto HERA é uma forma de trazer à consciência das pessoas essa qualidade humana tão fundamental, que cunhou aquilo a que chamamos de "civilização".

O projecto para um *Observatório para o Futuro da Humanidade* contou com o imediato apoio de Carlos Carreiras, Presidente da Câmara Municipal de Cascais.

Poucos são os homens da política que têm uma visão de mundo que os torna capazes de perceber projectos que se estendem naturalmente para além de questões materiais primeiras, problemas de ordem burocrática, ou de elementos de natureza ideológica. Quando tal acontece, temos a revelação do quê significa o termo "humanista" - tão difícil de ser definido e tão abusivamente usado.

Grande parte das pessoas tem uma ideia de passividade em relação à palavra e ao conceito "observatório". Em princípio, trata-se de algo que se observa,

à distância. Algo do qual apreendemos alguma coisa, sem nos envolvermos diretamente.

Mas, se estivermos atentos à sua origem etimológica, a palavra *observatório* lançará uma nova luz sobre o conceito.

Ela surge da fusão das partículas latinas *ob* e *servare*. A primeira lança a sua raiz Indo-Europeia em **epi* - e indicava a ideia de algo "sobre" outra coisa, acima dela, e também *contra* o seu objecto. Esse princípio de "oposição" ilumina o conhecimento de algo, pois apenas a diferença gera a consciência.

Por outro lado, o Latim *servare* surge do Indo-Europeu **ser* que comunicava a ideia de "proteção". Por isso, nossa palavra "conservação" significa etimologicamente "proteção de um conjunto de coisas".

Por essas misteriosas vias pelas quais a história das palavras nos conduzem, a ideia de "observatório" nos dá uma noção de "proteção" sobre algo, "contra" algo - no sentido de guardarmos, protegermos, em nós algo que conhecemos a uma certa distância, algo diferente do que somos, que até então estava "fora" de nós.

Há aqui uma notável ambiguidade na existência simultânea dos sentidos de proteção e de distanciamento. É esse curioso paradoxo que torna tão interessante o termo "observatório".

Essa ambiguidade implica em si o princípio da descoberta.

O primeiro "observatório" que participei foi criado pelo filósofo Suíço René Berger, com quem colaborei ao longo de mais de vinte anos também em outros projectos, e que foi um dos meus mais queridos amigos por toda a vida.

Esse observatório acontecia em Locarno, Suíça, e envolvia pensadores das mais diversas disciplinas.

Logo, participei na criação daquela que seria a primeira universidade na Internet. Idealizada por Berger, com a participação de nomes como o filósofo Edgar Morin ou o físico quântico Basarab Nicolescu entre outros, foi o primeiro projecto nesse sentido em todo o mundo, que contou com o apoio da Escola Politécnica de Lausana e da UNESCO, e era um observatório.

Imediatamente antes, junto com Berger, ainda no início dos anos 1990, trouxe essa ideia para Portugal, num evento que teve lugar na Fundação Gulbenkian e que se espalhou pela Europa. Mais tarde fui criando outros observatórios - nesse sentido cósmico, do conhecimento, da consciência do mundo, da descoberta.

Todavia, particularmente ao longo dos últimos dez anos, a palavra "observatório" parece ter sido tomada por partidos políticos, com o sentido de registar uma realidade, controlar o mundo e determinar como "o melhorar".

Todas as vezes que alguém tentou "melhorar o mundo" através do controlo e do cerceamento de liberdades, só tornou as coisas piores.

O mundo "melhora", isto é, muda, com a mudança de cada pessoa, com a

descoberta, a consciência, o aprendizado. A isso damos geralmente o nome de "cidadania" - aquele que pertence a uma cidade, à *urbis*, a um conjunto de conhecimento.

O Observatório para o Futuro da Humanidade não pretende, jamais, mudar qualquer coisa ou mesmo "melhorar o mundo" e, muito particularmente, através do controlo e da imposição - ou mesmo sugestão - de qualquer medida ou medidas de natureza coercitiva.

"Melhorar" significa "conhecer mais", jamais "controlar".

Todas as vezes que um sistema "melhora" é porque há mais conhecimento.

Esse projecto, que nasce em Cascais, tem a liberdade de cada pessoa, a liberdade de pensamento, de manifestação, de credo, o respeito à diversidade, a defesa do indivíduo e da sua soberania, como seus elementos essenciais, genéticos, fundadores.

Chamou-se *Observatório para o Futuro da Humanidade* e, sob o signo da liberdade, não pode estar restrito a uma área geográfica, a um conjunto fechado de ideias, a uma ideologia, a uma religião. Assume Cascais como um ponto de expansão para o planeta - para a Humanidade como um todo.

Embora tenha sido criado em 2019, o surgimento da pandemia viral que paralisou o mundo impediu que o projecto evoluísse mais rapidamente. Naturalmente, o seu desenvolvimento dependerá dos apoios que for recebendo ao longo do seu percurso.

Mas, ainda em 2020, o Observatório para o Futuro da Humanidade constituiu um grupo na Internet que recebeu o nome de AIW. Trata-se de uma palavra Indo-Europeia que indicava as ideias de "força vital, vida, longevidade e eternidade". A essa expressão lançam raízes algumas palavras como *eterno*, *primevo* e *utopia*.

No início de 2021 o grupo AIW já contava com mais de quatrocentos membros, muitos dos quais intelectuais, pensadores, escritores, músicos, arquitectos, artistas, empresários, profissionais das mais diversas áreas de diversos países.

Nesse mesmo ano publiquei o livro-manifesto *O Pássaro da Liberdade*, onde sublinho as ideias formadoras do projecto. O livro é distribuído internacionalmente pela Amazon e também na forma de um ebook na plataforma online academia.edu, onde está à livre disposição de mais de cento e cinquenta milhões de académicos em todo o mundo.

Tudo isso me faz lembrar Gandhi quando dizia que a liberdade é uma questão de consciência - objecto primeiro do Observatório.

**Emanuel Dimas de Melo Pimenta
Cascais, 2021**